

“A Natureza deles é dentro da Gaiola”: Notas Sobre Percepções de Mundos Possíveis na Prática da *Canaricultura*¹

Gabriel Sanchez²

RESUMO: Este artigo analisa parte do material etnográfico coletado durante uma pesquisa sobre as experiências de convivência entre criadores e pássaros no município de São Carlos/SP, onde humanos e não humanos se encontram e se conectam por diversas relações através de um circuito mais alargado denominado de *canaricultura*: a criação doméstica de canários em cativeiro, em residências urbanas, com o objetivo último de participação em competições. Através da perspectiva antropológica que interroga as relações entre humanos e não humanos, pretende-se uma reflexão a partir dos dados recolhidos em campo, tomando uma categoria nativa específica e desvelando seus desdobramentos e implicações não só nas práticas da *canaricultura*, mas também em como esses desdobramentos podem sugerir alternativas para o tratamento analítico de certos conceitos utilizados nas ciências sociais. Ouvir que *naturezas* existiam em gaiolas de arame dentro de casas de concreto implicou, antes, em tomar uma atitude reflexiva do que os criadores entendiam por “natureza” enquanto uma categoria nativa intrínseca ao universo da *canaricultura*. Por isso, a pergunta que guiará esse texto é: como a “natureza” é concebida para os criadores de canários, e como eles a projetam nos pássaros criados em suas residências urbanas?

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia da animalidade; natureza; *canaricultura*; relação humanos e não humanos; domesticação; pássaros.

“Criamos a natureza e contamos a nós mesmos histórias sobre como a natureza nos cria!” (Wagner, 2012:324).

Prólogo

Em uma de minhas inserções em campo, ao chegar na residência de um dos criadores de canários com o qual eu tive contato por certo tempo, percebi uma enorme movimentação onde se localizava o seu *canaril*. Era um dia muito ensolarado e, por isso, ele aproveitou para fazer a limpeza do local, tirando todas as gaiolas para fora do criadouro, assim como alguns artefatos que faziam parte da composição daquele lugar, como ninhos e ovos de plástico, sacos de alpiste, poleiros, papéis para anotações, rações, mesas, chocadeiras eletrônicas e ferramentas. Além da pletora de artefatos destinada à criação de pássaros, removeu os próprios canários que lá vivem, distribuindo-os em gaiolas muito maiores das que eles costumavam habitar – e especiais para tal ocasião – chamadas pelos criadores de *voadeiras*. Enquanto ele lavava a parte interior do *canaril*, eu andava por entre as gaiolas vazias e as *voadeiras* então habitadas, observando os canários e seus comportamentos mediante toda aquela agitação. Podia notar, também, a vinda de outros pássaros silvestres, – como pardais, sabiás e rolinhas – que, se aproveitando da situação, comiam alguns grãos de alpiste que sobravam no chão por conta da limpeza.

¹ Este artigo é parte de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) durante a graduação em Ciências Sociais na UFSCar. Foi apresentado no I Seminário HUMANIMALIA – Antropologia das relações Humano-Animais realizado entre os dias 26 e 27 de junho de 2017, na UFSCar. O HUMANIMALIA é um grupo de estudos que faz parte do Laboratório de Etnologias Transespecíficas (LETS) do PPGAS/UFSCar cujo tema central se concentra nos debates sobre e a partir das relações entre coletivos humanos e animais. Gostaria de agradecer a todos os membros e colegas do grupo pelas instigantes discussões e pelos riquíssimos comentários, especialmente à Natácha Leal, organizadora do evento, que proporcionou o encontro de diversas pesquisas e pesquisadores(as); à Felipe Vander Velden, coordenador do HUMANIMALIA e orientador desta pesquisa pela sua sempre primorosa orientação e à Ciméa Bevilaqua, pelos preciosos comentários que ajudaram esse texto em seu acabamento final.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: sanchezg94@gmail.com.

Canários dentro, pássaros silvestres fora. A partir dessa perspectiva, indaguei por que alguns pássaros viviam permanentemente *dentro* de gaiolas enquanto outros podiam ser “livres” *fora* delas? Compartilhei meu pensamento com o criador, pretendendo entender na perspectiva dele, através de sua visão e experiência a partir do engajamento prático com os canários com quem ele compartilha o mundo, como ele lidava com tal questão. Sendo assim, perguntei o que ele pensava sobre prender canários em gaiolas para que ele pudesse criá-los para competições, e uma resposta surgiu logo em seguida: “*Esses aqui são especiais né, eles têm todos os tipos de cuidados que um canário bõo para competição deve ter. Se eu não prender eles, como é que vou criá-los e competir? Prender é pra eles serem melhor cuidados por nós [...] na verdade, a natureza deles é dentro da gaiola*”.

Circunscrição etnográfica

A cena descrita nas linhas acima faz parte do material etnográfico coletado durante uma pesquisa feita a partir das experiências de convivência interespecífica entre criadores e pássaros no município de São Carlos/SP, onde humanos e não humanos se encontram e se conectam por diversas relações através de um circuito mais alargado denominado de *canaricultura*: a criação doméstica de canários em cativeiro, em residências urbanas, com o objetivo último de participação em competições. O saber prático de criar canários é constituído através de uma extensa rede que conecta centenas de criadores e milhares de pássaros. Essa rede perpassa, além dos canários e criadores em suas residências, também a mobilização dos campeonatos e exposições, a concentração de indivíduos nas associações de criadores, a estrutura material dos *canaris*, bem como as muitas transações comerciais – em aviários e lojas agropecuárias – que envolvem as aves e tudo o que se refere a sua criação. Desta complexa rede, focalizei etnograficamente a relação entre os criadores e as aves nos *canaris* residenciais, visando apreender a parcela de canários que se orienta pela variedade de cores das aves, bem como as que selecionam aves por porte e canto –, haja vista que, no âmbito da *canaricultura*, elas se conectam e se sobrepõem³.

Neste sentido, minha intenção em desvelar etnograficamente as práticas estabelecidas em um *canaril* (tendo, como pano de fundo, suas extensões – o campeonato, os circuitos de circulação de aves, os contatos entre criadores, a pletora de artefatos necessários a esta prática) partiu do interesse em questionar como humanos e canários, ligados por relações cotidianas, vivenciam, juntos e cada qual à sua maneira, as experiências práticas da vida social, e como isso interfere diretamente na forma de situá-los como *sujeitos* e/ou *atores* em um específico contexto social. Além disso, a partir das visitas feitas aos *canaris*, buscou-se investigar o que estas conexões entre humanos e pássaros podem nos dizer sobre as relações – materiais, intelectuais e simbólicas – entre humanos e não humanos em contextos urbanos contemporâneos.

Mais do que isso, ao pensar as inter-relações entre humanos e animais no domínio da *canaricultura*, pôde-se atentar para a intensa mobilização, por parte dos atores envolvidos, de aspectos que remetem às dicotomias como natureza e cultura, doméstico e selvagem, rural e urbano, bem como a temas ligados ao parentesco e à vida econômica. Esta complexa configuração da prática da criação de canários a torna objeto bastante apropriado para a investigação antropológica, já que criadores e canários, em sua convivência, sua mútua produção e circulação, acabam por negociar as fronteiras entre o dado e o construído, o natural e o artificial, o doméstico e

³ É importante elucidar que, acerca da relação entre canários e criadores, há três categorias que distinguem cada canário e orientam a dinâmica de sua criação: a) a de porte, que tem como característica a postura do pássaro; b) a de canto, que se vale da capacidade de emissão de melodias; e, por fim, c) a de cor, concentrada no valor estético dos pigmentos inscritos no corpo do animal.

o silvestre, o animal e o humano, o natural e o cultural. Embora existam multifacetados temas ligados à prática da *canaricultura*, o foco do interesse nesse artigo estará concentrado, principalmente, nas noções nativas a respeito da natureza e nas negociações de suas fronteiras.

Sendo assim, proponho neste texto uma espécie de fuga das explanações generalistas ou das grandes teorias em que são projetadas categorias analíticas canônicas da disciplina antropológica em contextos etnográficos⁴. Ao invés de pensar as inter-relações entre humanos e canários através de categorias já bem delimitadas, proponho uma reflexão a partir dos dados recolhidos em campo, tomando uma categoria nativa específica e desvelando seus desdobramentos e implicações não só nas práticas da *canaricultura*, mas também em como esses desdobramentos podem sugerir alternativas para o tratamento analítico de certos conceitos utilizados nas ciências sociais. Ouvir que *naturezas* existiam em gaiolas de arame dentro de casas de concreto implicou, antes, em tomar uma atitude reflexiva diante do que os criadores entendiam por “natureza” enquanto uma categoria intrínseca ao universo da *canaricultura*. Por isso, a pergunta que guiará esse texto é: como a “natureza” é concebida para os criadores de canários, e como eles a projetam nos pássaros criados em suas residências urbanas?

Para tanto, o texto será estruturado da seguinte forma. Primeiramente, discorrerei sobre as perspectivas e produções teóricas acerca das inter-relações entre humanos e animais, bem como sobre as fronteiras que aí se negociam, como no caso das questões que envolvem as categorias de natureza e cultura. Em seguida, pretendo apresentar os dados recolhidos em campo, descrevendo-os etnograficamente e demonstrando de que forma eles acabam por aproximar ou torcer conceitualmente a teoria antropológica apresentada no primeiro tópico, para assim tentar refletir sobre o que, a partir de um engajamento prático e experiencial entre humanos e canários, pode-se vir a compreender por natureza.

Humanos, animais e suas fronteiras

A ideia deste texto é refletir como o conceito de natureza é pensado e vivido através das inter-relações entre humanos e pássaros em suas convivência e práticas através do compartilhamento de um universo muito específico: a prática da *canaricultura*. Pensar que humanos e não humanos estão vivendo em um engajamento prático e experiencial, um cotidiano compartilhado por eles, força-nos a mudar a perspectiva e acessar os animais não apenas como objetos ou signos, mas também como sujeitos da vida social juntamente com seres humanos. Por envolver inter-relações entre criadores e pássaros, a temática aqui abordada se insere em um debate clássico no interior da disciplina antropológica, a saber, as relações entre humanos e animais (LÉVI-STRAUSS, 2005; SAHLINS, 2000; LEACH, 1983). Estes debates vêm passando por enorme renovação nos últimos anos, tanto na antropologia em geral (HURN, 2012; KOHN, 2013; WEIL, 2012) quanto na antropologia brasileira (MARRAS, 2014; VANDER VELDEN, 2012), constituindo-se como uma das mais dinâmicas subáreas da disciplina, denominada, por diferentes autores, como antropologia da animalidade, antrozoologia ou antropologia/etnografia multi, inter ou transespecífica (BEVILAQUA & VANDER VELDEN, 2015).

⁴ Sugerindo uma suposta inversão do uso das categorias analíticas antropológicas, não quero dizer que elas não se mostraram úteis para pensar as questões evocadas em campo. O que se pretendeu foi balizá-las e propor uma reflexão não a partir delas, mas dos conceitos nativos e, daí, fazer esses conceitos nativos incidirem sobre as categorias antropológicas.

Nestes movimentos teóricos e etnográficos no campo antropológico, como, por exemplo, trabalhos denominados “pós-sociais”⁵ (cf. LATOUR, 1994; INGOLD, 1994;) recoloca-se em discussão as fronteiras que separam humanos e não humanos (entre eles, os animais) – natureza e cultura, animalidade e humanidade –, sugerindo cada vez mais a porosidade e a fluidez dessas relações e colocando importantes questionamentos ao pensamento taxonômico ocidental (LÉVI-STRAUSS, 1982) e às bases que sustentam o antropocentrismo (DESCOLA, 1998, 2006; HARAWAY, 2008). Lévi-Strauss (2005) já apontava, na contramão de uma visão utilitarista, que animais, antes de serem bons para se comer, são bons para pensar, classificar. Tomados como símbolos e signos, tornam-se instrumentos por excelência para o pensamento humano. No entanto, a partir do movimento de renovação citado acima e, sobretudo, de uma crítica criativa à leitura lévi-straussiana baseada em etnografias ameríndias, a reflexão antropológica (DESCOLA, 1996; LIMA, 2002; VIVEIROS DE CASTRO, 2002) buscou uma mudança na qualidade perspectiva para acessar os animais, pensando-os não mais como apenas *objetos* do pensamento, *signos* ou *símbolos*, mas também como *sujeitos* – *agentes*, *atores*, *actantes* – de relações interespecíficas, sendo considerados atores plenos em distintas sociedades humanas e co-constituintes, junto aos seres humanos, da vida social. Note-se que, contudo, que não é preciso escolher, nas análises antropológicas, em tomar o animal como símbolo ou sujeito: eles são, ao mesmo tempo, as duas coisas (VANDER VELDEN, 2015).

Mais recentemente, Haraway (2008) mostra como pensar em *simbiose*, *coevolução* e *coconstituição* permite-nos perceber o mundo como interação e relações entre os seres, o que nos sugere maneiras diferentes de pensar e, portanto, se relacionar com os animais. Desta forma, as relações entre humanos e não humanos acabam evocando contextos onde se torna inconcebível pensar uns sem os outros, estabelecendo *emaranhados* (INGOLD, 2000) e *redes sócio-técnicas* (LATOUR, 1994) nos quais os seres, a todo momento estão mutuamente se co-constituindo, convivendo, criando “*contacts zones where lines separating nature from culture have broken down, where encounters between homo sapiens and other beings generate mutual ecologies and coproduced niches*” (KIRKSEY & HELMREICH, 2010: pp. 546). Por fim, cabe dizer que o atual debate evoca uma *ecologia de sujeitos* que se produz num emaranhamento de pensamentos vivos de seres humanos e não humanos no mundo, transformando-se, então, num mundo vivido e vivente (KOHN, 2013). No entanto, algumas categorias presentes, que dividem os estatutos de humanidade e animalidade, são separadas por fronteiras que as alocam em domínios diferentes e, conseqüentemente, opostos, como é o caso da matriz de contraste entre cultura e natureza; isto é, pensar em humanidade ou animalidade, pelo menos para nós, só pode ser feito através da dicotomia entre natureza e cultura.

Na ontologia ocidental, como se sabe, a *natureza* é o lugar (físico e ontológico) habitado pelos seres não humanos, em contraposição a um *socius humano* em que reina seu oposto, a *cultura*. A discussão acerca de onde termina uma noção de natureza ou quando começa a de cultura já fora levantada por Lévi-Strauss (1975; 1982) ao abordar a questão do tabu do incesto. Entretanto, essa distinção entre cultural e natural (DESCOLA, 1996; LÉVI-STRAUSS, 1975 e 1982.), quando tomada como par analítico projetado sobre as diversas sociedades, é compreendida em um sentido essencialista, já que ela faz sentido apenas em contextos em que é relativizada entre termos metonímicos nativos (STRATHERN, 2014: 27), criando sentido enquanto uma categoria apenas para aqueles que tomam como real seu significado e que refletem nas suas experiências no mundo.

⁵ Os trabalhos pós-sociais não se concentram apenas em questionar a evolução, mas, a partir de uma noção ampliada de *socialidade*, integram os animais e outros seres não humanos na própria constituição do social.

Mas afinal, como realizar uma análise sem que se caia no reducionismo dos construtos de natureza e cultura quando falamos de inter-relações entre seres humanos (idealmente culturais) e não humanos (ligados a uma natureza pré-estabelecida)? A mesma ideia de uma natureza, construída intelectualmente e historicamente localizada como a nossa, pode ser aplicada no caso dos canaricultores? De um lado, biologia, células, bactérias, organismos; de outro, técnicas, saberes e práticas. Quão separados estão os estatutos de uma natureza e de uma cultura nessas relações em que se encontram diuturnamente, em casa, humanos e canários? Será mesmo que elas estão tão distantes (HARAWAY, 2008)? Ou estariam “emaranhadas” (INGOLD, 1994)? Se tomarmos como exemplo a própria *canaricultura*, temos aí práticas e técnicas envolvidas pelo sufixo cultura – que sugere um “cultivo”, mas também um conjunto de saberes. Poderíamos pensar, então, em “aves cultivadas”? Se tomamos a etimologia da palavra cultura, que sugere um cultivo humanamente modelado, poderíamos aplicar no mesmo sentido – via tecnologias, artefatos e práticas sociais – a um animal? Onde natureza e cultura se separam e se unem ali? Neste sentido, o atual debate vem passando pelas ideias de Descola (2016), Wagner (2012) e Strathern (2014), sugerindo que esses dois conceitos são mais do que metades totais contrárias, ou que um funciona como contraponto ulterior do outro: são fronteiras fluidas, em que um conceito pode englobar o outro, assim como, em certos contextos, pode haver controle de uma categoria pela outra, implicando em certas ações incisivas de sobreposição um pelo outro, ou que os dois conceitos não façam o menor sentido em determinados contextos. Como se verá a seguir, as práticas e os saberes estabelecidos na *canaricultura* nos ajudarão a refletir sobre como os modos como natureza, cultura, animalidade e humanidade podem ser pensados não só como conceitos analíticos, mas também a partir dos exemplos etnográficos.

Engajamentos com os mundos e naturezas em gaiolas

Quando perguntei a alguns criadores o que *o que é criar canários*, as respostas variaram muito entre eles. Alguns me disseram que viam na prática um grande potencial econômico; outros, no entanto, disseram que era algo prazeroso conviver e *mexer* com a criação de animais, e que viam ali um *hobby*. Um dos meus interlocutores me relatou que, ao entrar no quarto dos fundos de sua casa, onde se situa seu *canaril*, chama os pássaros de “os muleque”, além de admitir que alguns são seus “xodó”, muitas vezes apontados orgulhosamente por ele e chamados de campeões: “com esse fiz 90 pontos no campeonato”⁶. Os pássaros ocupam centralidade dentro de sua rotina, já que demandam cuidado constante quanto à alimentação, limpeza, reprodução. Rotina esta bastante cara ao criador, que por vezes passa dias trancado com eles e “esquece o mundo”.

Tais dados fizeram-me questionar, no limite, como os criadores situavam os canários: como sujeitos de uma vida ou como objetos, dos quais se utilizam? O utilitarismo pode aparecer na fala desses criadores, como quando os canários são incluídos em transações econômicas. No entanto, restringir a relação existente a um tipo de prática cotidiana da vida social, relação em que se desdobram coexistência e corresponsabilidade, seria reducionista e simplista demais. Afetos estão envolvidos ali, não em um sentido vaidoso das paixões humanas, mas sim como fruto de um envolvimento rotineiro do criador, algo que lhe dá prazer, com os pássaros, sendo o canaril a paisagem que proporciona esse *esquecer do mundo*. Mas não seria o canaril um outro mundo?

⁶ 90 pontos é a pontuação máxima que um canário – e, conseqüentemente, um criador – pode atingir em uma competição. Para se chegar a essa pontuação, é necessário que se julgue o canário a partir de seis categorias: plumagem, tamanho, forma, elegância, apresentação e harmonia. Cada uma dessas categorias, por sua vez, recebe uma pontuação de 0 a 15 em relação a certos padrões que devem ser seguidos para obtenção das notas. Importante dizer que essas são categorias de julgamento para a competição de Cores.

Desses vários tantos outros que existem em diversas situações em que humanos estão em relacionalidade com outros seres não humanos? A socialidade dentro desses espaços desloca, como diz a teoria, a figura antropocêntrica. Lá, o humano busca atividades de seu interesse *cuidando dos pássaros*, num tipo de relação horizontal em que a sociabilidade é feita no dia-a-dia, no prazer, no “*hobby*”, com responsabilidade e, principalmente, o afeto.

Tal processo doméstico – no duplo sentido de “feito em casa” e da domesticidade pensada como processo permanente (FIJIN, 2011) – inclui formas específicas de interação entre humanos e animais, e que se desdobram nos *canaris* através da domesticação não como um processo acabado e de sujeição, mas antes, como um processo contínuo, fruto de uma relação mútua e recíproca, num contexto em que criadores e canários se encontram, se produzem, se complementam e se co-constituem: comportamentalmente e nos cuidados para aprimoramento das cores, do porte e do canto – em suma, nos cuidados com os corpos.

A criação possui dois períodos específicos: um remete à preparação e reprodução dos pássaros e outro a temporada de exposições e campeonatos. Uma série de técnicas podem ser vistas na prática da canaricultura. Por exemplo, a alimentação deve ser estritamente padronizada e geralmente é pautada em um conhecimento técnico específico, nas quais são utilizadas algumas verduras como o almeirão e chicória, além da mistura de alpiste com grãos artificiais de cálcio. Se ocorrer algum imprevisto na dieta, os pássaros ficam sujeito à alterações hormonais e calóricas, o que pode ser um perigo, já que sairão dos padrões determinados nos campeonatos em relação a sua beleza estética e até mesmo no canto.

Contudo, podemos, inclusive, estender esse tipo de relação também aos objetos, já que sem determinados artefatos a criação ficaria incompleta. Se tomarmos como exemplo o uso da caraxantina – um corante avermelhado utilizado para potencializar as cores dos pássaros, para que eles possam ficar esteticamente mais bonitos – sem o seu uso, os pássaros não chegariam ao padrão de competição. Para perceber como esse tipo de tecnologia é fundamental para prática, em uma conversa com um dos meus interlocutores, um deles havia me dito que, ao ir para São Paulo comprar caraxantina, não encontrou a mesma marca do produto que ele vinha utilizando por anos e, mesmo assim, para não perder a viagem, comprou uma outra marca para continuar com o tratamento. Ao passar algum tempo, o criador percebeu que o “novo” produto não havia tido os mesmos resultados em relação ao produto que ele utilizava anteriormente, já que a cor do pássaro “*não ficou tão brilhosa como antes, meio ofuscada*”, o que acarretou num prejuízo na *produção* dos pássaros.

Por fazerem parte juntamente com os criadores da *canaricultura*, prática esta que pode ser considerada constituída de uma socialidade mútua de convivência e experiência da vida social, os canários são tidos como atores participativos, já que suas influências são diretas no que diz respeito à continuidade e manutenção das relações interespecíficas com os humanos. A *canaricultura* compõe um mundo habitado mutuamente por criadores e canários através de suas relações e experiências cotidianas; é um espaço habitado, emprestando aqui a noção de Ingold, em que “*habitar o mundo, ao contrário [de ocupar] é se juntar ao processo de formação*” (INGOLD, 2011). O fato de haver *responsabilidades* e *expectativas* na relação que as aves proporcionam as tornam mais semelhantes e próximos, “partes” da sociedade humana de seus criadores. Criar canários pode ser um *hobby*, ou até mesmo uma profissão. Independentemente, criá-los remete a uma preparação, trabalho e rotina

compartilhados⁷, e tudo isso vem de uma capacidade de resposta, tanto do criador quanto do canário.

Em termos de experiências compartilhadas, criadores e canários participam de campeonatos que são realizados nos âmbitos regional e nacional. Para concorrer, o criador deve ser membro de uma associação que mobiliza dezenas de outros criadores. Na cidade de São Carlos/SP há duas associações de criadores: o “Clube Ornitológico São Carlense de Criadores de Aves Domésticas” e a “Associação dos Criadores de Canários de Cor”. Nelas são realizadas reuniões em que criadores, ao lado de seus pássaros, discutem técnicas e saberes de criação e trocam pássaros entre si. A presença dos pássaros é importante já que, como se verá mais adiante, através da fala de um interlocutor, a mutualidade da produção, tanto de criadores quanto dos pássaros, é vista como interdependente uma da outra.

Tanto para participar do campeonato quanto das associações é necessário que o criador siga alguns padrões de criação; os padrões seguidos na prática de criação são aqueles que os juízes avaliarão em competição, isto é, uma boa criação é representada numa boa avaliação. Os critérios julgados são: plumagem, tamanho, forma, elegância, apresentação e harmonia (DUTRA, 1992). São esses mesmos critérios que estimulam e aprofundam a relação de afeto entre criadores e certos canários: os cuidados são plasmados nos critérios de julgamento, mas não se limitam a algo exclusivamente objetivo, que se pretende buscar a todo custo; antes, eles contribuem para a manutenção das relações afetivas numa série de modos e técnicas que se demandam *cuidados*.

Pude acompanhar um campeonato realizado na cidade. Antes mesmo de chegar no local da competição, conforme eu ia me aproximando, já podia ouvir uma intensa melodia do canto dos pássaros. Ao entrar no espaço, havia uma série de criadores conversando sobre a preparação dos canários que estavam ali presentes para competir. Os canários, por sua vez, ficavam guardados em um galpão que, na medida em que um juiz decidia a categoria de competição, vinham sendo trazidos para o julgamento. A competição possuía uma paisagem bem diferente daquela que podia ser vista no ambiente de um *canaril*, em que imperava a calma e, no limite, a relação de um criador com seus canários. Lá, se ressaltava um emaranhado de relações fluidas em que se misturavam conversas de criadores, cantos de pássaros, juízes anunciando notas, defeitos ou elogios aos canários. Tudo se misturava e proporcionava uma harmonia entre vozes humanas e cantos de pássaros; era a ideia, para dialogar com Ingold (2011), de organismos-pessoas se juntando em um mesmo mundo habitado.

Em vários momentos em que eu acompanhava a competição, indagava-me sobre quem, de fato, estava competindo ali: *eram os humanos ou os canários?* Através das relações percebidas na competição, que ora eram jocosas e ora de competição, homens e canários competiam *juntos* e em *sintonia*. Tais impressões dizem respeito à ideia de que o canário é inseparável do humano, já que, no momento da disputa pelo troféu, e também no canaril, ambos formam uma *coisa* só, uma espécie de “híbrido humano-animal” (ou *naturalcultural*, para falar com Donna Haraway), o que abre espaço para pensarmos que canários pontuados – aqueles que tiveram sucesso na competição – implicam em criadores também pontuados. Estes, promovendo uma criação amparada em certos conhecimentos, levam o título por extensão: os canários pela cor ou canto, o criador por influenciar diretamente nessas características através da criação bem-sucedida (GEERTZ, 2013; MOTTA, 2008). Além disso, é

⁷ “Tal capacidade pode ser moldada apenas em e para relacionamentos multirrelacionais, nos quais sempre mais de um ente responsivo está em processo de vir a ser (...). Isto é, animais, como trabalhadores em laboratórios, animais em todos os seus mundos [incluindo a canaricultura] são responsáveis, ou capazes de respostas, no mesmo sentido em que as pessoas o são. A responsabilidade é um relacionamento construído numa intra-ação através do qual os entes, sujeitos e objetos passam a existir. As pessoas e os animais são, ao mesmo tempo, sujeitos e objetos uns dos outros na intra-ação em andamento” (HARAWAY, 2011).

possível perceber que há uma história dos dois atores envolvidos: afinal, o que seria de um sem o outro? Os pássaros passam sua vida junto aos humanos, onde são acompanhados do nascimento até a morte. Desta forma, pássaros e humanos vivem uma história conjunta, um co-desenvolvimento permanente em relação ao que são e como são.

Não posso deixar de citar um caso que exemplifica muito bem essa ligação entre pássaro e humano, bem como a composição de uma história dos dois agentes. Quando o campeonato estava mais ou menos na metade do tempo de duração, as atenções se voltaram para um senhor que, conforme se aproximava, evocava murmúrios entre os criadores que já estavam presentes. Após um tempo, um dos criadores o apresentou a mim como “Paulinho do Brasileiro”, ou, nas palavras do outro criador: o “mito dos criadores”. O motivo de tais nomes diz respeito a um grande feito de Paulinho, já que fora campeão cinco vezes consecutivas em diversas categorias no campeonato brasileiro de canários. Perguntei, então, qual era o segredo do sucesso e da fama que ele havia adquirido:

“olha, o que eu posso te falar... bem, conhecimento, criação e seu padrão são coisas inseparáveis, uma coisa nunca exclui a outra, pelo contrário, é necessário se chegar a um equilíbrio disso tudo. O grande segredo na verdade, é que eu tenho de estar em equilíbrio com os meus canários também, já que eu dependo deles para conseguir os títulos e eles dependem de mim para que fique em sua melhor forma”.

O canário é feito no olho de quem o cria, assim como o olhar (e o saber) humano-animal é feito na intensidade e nos traços das cores plumárias dos canários.

Ora, se dentro de um *canaril* tudo era feito concomitantemente entre pássaros e criadores, havendo relações mútuas de responsabilidade e experiências compartilhadas, no campeonato não seria diferente. No entanto, pelo fato do campeonato ser uma espécie de extensão *final* da criação, toda aquela atmosfera, no limite, fez-me pensar num momento ritualístico para todos aqueles agentes envolvidos, inclusive para mim, antropólogo, que pude acompanhar toda uma trajetória de preparação para aquele momento, que envolve rotina, trabalho, criação, carinho, cuidado e tempo que se convertem em prêmios, títulos e, principalmente, na ideia de que, no final das contas, todo o período de preparação deu (ou não deu) certo.

Falar em *híbridos* ou seres *naturalculturais* nos leva, diretamente, à questão da *natureza*. Ao nível da palavra, quando perguntava a alguns criadores o que eles entendiam por natureza, me vieram respostas como: “*natureza é a vida*”, “*lugar onde moram os animais*”, “*é o lugar onde posso levar a minha família para descansar no final de semana*”, “*um mundo diferente do nosso*”. Entretanto, essas respostas me fizeram pensar se de fato essa “natureza” descrita era a mesma que era conduzida através da prática da *canaricultura*. Uma série de exemplos foram aparecendo durante a pesquisa em relação a essa categoria. Vejamos as anilhas⁸, objetos de metal presos às pernas do passarinho, que sintetizam os aspectos da criação e estabelecem o elo entre cria e criador. Após o nascimento dos filhotes, eles devem ser anilhados entre os 6 e 8 dias de vida, devido ao tamanho da anilha e do canário. Ser anilhado quer dizer que o canário recebe um número e se torna parte da “coleção” de um humano, este também possuidor de um número. Nas anilhas se encontram o número do criador, o número do canário, o ano de nascimento do pássaro e o código da associação. Portanto, podemos considerá-la a expressão mais visível de um processo de “culturalização” da natureza que começou muito antes, filogenica e ontogenicamente⁹, no caso dos canários. Eles são

⁸ Não é só a anilha que expressa a suposta “culturalização” dos canários. Há intervenções humanas o tempo todo, como as próprias gaiolas, ovos e ninhos de plástico, chocadores eletrônicos, entre outros.

⁹ Os canários que pude acompanhar em pesquisa de campo são classificados por meio do nome científico *Canarius domesticus*. Eles são uma sub-espécie, cuja origem ancestral é a do canário-do-reino (*Serinius canarius*). A mudança da classificação está concentrada na ideia de que o canário de criação já não possui tantos traços correspondentes à espécie original, haja vista que, por meio de diversas seleções artificiais, os canários domésticos vêm se desenvolvendo

“artefatos” culturalizados, produtos do trabalho e dos afetos humanos, mas são também, artefatos muito especiais pelo fato de se produzirem, já que são seres vivos e sencientes, além de atores do processo de criação mútuo.

Durante as conversas com os criadores, deparava-me constantemente com termos ditos por eles que estão imbricados na biologia moderna: evolução, seleção, genética, reprodução, hormônios, proteínas, taxonomia, espécie, subespécie, variedade, entre outros. Os motivos dos termos encontrados fazem sentido quando conectados à ideia de que os canários cultivados não existem na “natureza”, essa que imaginamos ser do reino natural. Todos eles eram produzidos a partir de cruzamentos entre subespécies, cores, estilos, intencionalidades, fatores, através de técnicas de seleção artificial.

Se pensarmos a cena descrita no começo deste texto, em que um interlocutor me disse que “a natureza deles é dentro da gaiola”, ela implica em pensar que é a gaiola o *habitat* natural dos pássaros, e o criador vê uma natureza dos canários nela o tempo todo, pois o pássaro passa ali do nascimento até a morte, acompanhado pelo humano. As gaiolas parecem ser, na perspectiva dos criadores, *habitats* construídos e dados como naturais ao mesmo tempo. Há uma transformação ontológica ao se conceber o natural e o que se constrói além dele, na medida em que o ambiente artefactual se naturaliza como aquilo que engloba e constrói a vivência de humanos e animais. Esse engajamento de humanos e canários faz com que eles *habitem* e criem *modos de estar no mundo* e também de pensar o que talvez defina um mundo, um habitat. Há, de todo, que se refletir sobre que tipo de mundo comum é esse em que um está *fora* e o outro, permanentemente, *dentro* da gaiola. No limite, nenhuma “natureza” deixou de existir para que outra tenha sido colocada no interior – ou construída – em telas de arame.

Neste sentido, a gaiola possui um papel fundamental na criação. Ela não é simplesmente um objeto que mantém o animal dentro de seus limites; o que ela faz é agenciar a prática de criação como um todo. A categoria *natureza* na canaricultura é pensada através da gênese da gaiola enquanto um habitat, do que ela é em si mesmo, modelada através de um processo de individuação mas que só se torna o que ela é a partir do contexto de relações em que ela está inserida. A gaiola enquanto um conceito, isto é, uma gaiola sem um pássaro, é apenas uma gaiola, mas uma gaiola que retém um canário se torna a natureza da prática, a vida do pássaro.

Criar um habitat, uma paisagem, abre espaço para pensarmos num “papel ecológico” que o humano exerce em domesticar e mesmo produzir os pássaros. Se estes desaparecem da natureza “lá fora”¹⁰, o humano constrói uma para ele dentro da gaiola, multiplicando e preservando, no seu modo de pensar, certas variedades e espécies dos horrores da destruição ambiental. Como um continuum, as técnicas exercidas na *canaricultura* estão profundamente arraigadas nos conhecimentos humanos e, mais que isso, elas produzem não só a própria prática de criar canários, mas suas próprias naturezas. Os criadores utilizam-se desse argumento, inclusive, como algo político para defender a prática e o confinamento dos pássaros em gaiolas, já que há quem diga que na *canaricultura*, – e, também, na ideia da “construção”, ali, de uma “natureza” – os canários vivenciam uma situação de exploração, pois seu confinamento, sua manipulação e seu controle colocam os pássaros numa situação de sujeição diante do humano. Entretanto, em resposta a essas acusações,

como uma espécie muito particular, com traços, cores e características morfológicas únicas, adquiridas apenas através da criação em cativeiro, nos canaris, não existindo na “natureza” tal como concebemos.

¹⁰ Aqui me refiro ao canário-do-reino (*Serinus canarius*) e ao canário-da-terra (*Sicalis flaveola*) que são espécies que vivem na “natureza”, mas que estão em constante ameaça de desaparecimento: seja porque estão destruindo seus habitats naturais, ou porque são espécies muito apreciadas e comercializadas de forma ilegal.

os criadores dizem que, se soltarem essas aves (*Canarius domesticus*) na natureza (ontologicamente naturalista), nenhum pássaro sobreviveria, já que a sua natureza (a ideia de alimentar-se, reproduzir-se) é dentro da gaiola. A domesticação aqui é entendida não como uma ação, mas antes como um processo, pois sabemos, ao menos desde os primeiros processos de amansamento animal, que a relação entre humanos e animais passa a se modificar por conta de os vínculos não serem simplesmente de abate, mas também de proteção e coexistência (HAUDRICOURT, 2013). Sendo assim, a domesticação ainda é considerada um tipo de técnica de controle; contudo, há novas alternativas de pensar essas assimetrias, já que ela também cria vínculos de *devir com* (becoming with) e especifica a própria existência (coexistência), ultrapassando qualquer tipo de manipulação (HARAWAY, 2008).

Note-se, ainda, que, embora os animais sejam produtos dos criadores, – que fabricam mesmo seu habitat e sua “natureza” – há uma série de artefatos que são utilizados como potencializadores da constituição dessas *naturezas*, vide os artifícios inseridos na criação, como ovos de plástico para substituir os ovos vivos, a própria gaiola, os ninhos de plástico revestidos de corda, entre outros. Se, para os criadores, “a natureza deles é dentro da gaiola”, os ovos de plástico e outros artefatos nada mais são do que uma maneira de potencializar o que se toma como a sua qualidade intrínseca, uma natureza que depende da mutualidade estabelecida com os criadores. Neste sentido, todos os elementos humanos e não humanos da criação são tidos como co-constituintes de uma natureza muito particular, aquela que existe dentro de gaiolas de arame e casas de concreto, que envolve e estabelece de forma mútua a convivência de animais, objetos, humanos, intencionalidades, práticas, afetos.

Há, também, a possibilidade de estendermos um pouco mais essa lógica com um exemplo que sintetiza muito bem esse engajamento e suas relacionalidades. Em certo período do ano, especificamente no que antecede o período de reprodução, um dos criadores joga centenas de pedaços de barbante no chão e abre algumas gaiolas para que os pássaros possam sair para pegá-los. Esses pedaços de barbante são parte da composição dos ninhos, estimulados pelo humano, mas feito diretamente pelos pássaros dentro de suas *naturezas* – as gaiolas. Neste sentido, podemos pensar que talvez de fato essas naturezas feitas em telas de metal sejam os mundos próprios (VON UEXKÜLL, 1992) dessa espécie doméstica de canário. Entretanto, diferentemente do modo como as abelhas produzem e constroem suas colmeias, as habitações na canaricultura são feitas a partir do engajamento de uma tríade de seres: humanos, canários e objetos artificiais.

Os pássaros – pardais, pombos, sabiás, andorinhas – que estão fora do canaril são colocados pelos criadores num mesmo patamar que os canários que se pode comprar nas agropecuárias e, são conhecidas como *pé-duros*, por não receber o tratamento “devido” que um canário para competição deve receber; desta forma, nenhum deles pode/deve entrar num canaril. É importante que os canários fiquem em um ambiente “seguro”, no qual não devem ter contato com outros pássaros (e nem com insetos). Se um canário é picado por um inseto, sua estética fica prejudicada, assim como os outros pássaros podem atuar como transmissores de doenças, de acordo com os criadores.

Aqui, portanto, os insetos e os outros pássaros fora do canaril – ainda que, note-se, vivendo nas cidades – são pensados em relação à saúde e à estética dos canários, e são tidos como “pragas” que trazem doenças das quais os canários devem ser isolados. Buscam separar, assim, esse “tecido vital comum de partilhas orgânicas” (INGOLD, 2000) que conecta todos viventes em um determinado contexto, o que abre uma ruptura boa para pensar a posição dos canários apartados de outras formas de vida e, assim, remeter à ideia de que existem diferenças entre tipos de naturezas. Uma que está fora do mundo do canaril (mesmo que seja urbana) e outra que está lá dentro, mas também uma

natureza que é constituída em cidades, diferentes naquela de um imaginário em que sua paisagem é composta por árvores, plantas e animais. Na *canaricultura*, a ideia de natureza é concebida como aquela que existe em telas de arames que conhecemos como gaiolas.

Conclusão

Através do material etnográfico recolhido a partir da prática da *canaricultura*, prática esta que põe em estreito convívio humanos e canários, pretendeu-se refletir sobre algumas categorias analíticas canônicas da antropologia, para ver de que forma os exemplos etnográficos podem contribuir alternativamente para seu tratamento, ou mesmo como forma de torcê-las conceitualmente. Natureza e cultura por exemplo, tornam-se fronteiras fluidas e, mais do que isso, fronteiras em que humanos e não humanos se fundem, e se constituem mutuamente.

A *canaricultura* vai muito além dos espaços em que se criam os canários. Ela é formada por uma extensa rede que conecta criadores, comerciantes, artefatos, pássaros, associações, campeonatos e juízes. Todos esses elementos, de certa forma, compõem um mundo próprio, fracções das experiências sociais compartilhadas por diversos agentes, humanos e não humanos. Talvez falando de um mundo próprio, estejamos excluindo outros mundos possíveis, como aqueles existentes dentro de armações de ferro, em que poleiros, ninhos de plástico e bebedouros artificiais compõem uma natureza muito específica. Entre um *canaril* e outro, parecia-me também tratar-se de mundos diferentes, onde as ações, a estética e sua composição eram distintas umas das outras. Mundos estes que se tornavam vários e ao mesmo tempo um só na realização dos campeonatos, em que harmonia e assimetria se juntavam numa série de vozes, cantos e gestos. Quantas naturezas não existiriam em duzentas gaiolas?

Natureza essa que fora definida como *vida, habitat, gaiola, mundos* compartilhados por seres animais e vegetais, mas que existem dentro das casas de concreto dos criadores de canários. No limite, então, *vida, habitat, gaiola, mundos* são compartilhados também com humanos, já que em suas relações são criados afetos, saberes, rotina, cotidiano. Vida que se compartilha entre canários e criadores por meio das experiências mútuas da vida social e das manutenções dessas relações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEVILAQUA, Ciméia & VANDER VELDEN, Felipe. "Introdução" In: ____ (orgs). *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre a relação entre humanos e animais*. São Carlos: EDUSFCar/ Curitiba: EDUFPR, 2015.

DESCOLA, Phillipe. "Societies of Nature and Nature of Society". In: KUPER, A. (ed.) *Conceptualizing Society*. London/New York: Routledge, 1992.

_____. "Constructing natures: Symbolic ecology and social practice". In: DESCOLA, Phillipe & PALLSON, Gísli (orgs.). *Nature and Society: Anthropological perspectives*. London: Routledge, 1996.

_____. "Beyond Nature and Culture: proceedings of the British Academy, v.139. pp. 137-155. 2006.

_____. *Outras Naturezas, Outras Culturas*. São Paulo: Ed. 34, 2016.

DUTRA, Álvaro César. *O canário através dos tempos: origem e difusão, principais espécies e suas características, alimentação, prevenção, tratamento de doenças*. São Paulo: Editora Nobel, 1992.

FIJN, Natasha. *Living with herds: human-animal coexistence in Mongolia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

HARAWAY, Donna. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

_____. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, Ano 17, n. 35, p 27-64, 2011.

HAUDRICOURT, André-Georges. *Domesticação de animais, cultivos de plantas e tratamento do outro. Série Traduções*. Brasília, UNB. 2013.

HURN, Samanta. *Humans and other Animals: Cross-Cultural Perspectives on Human-Animal interaction*. New York: Pluto Press, 2012.

INGOLD, Tim. *What is an Animal?* London: Routledge, 1994.

_____. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London, Routledge, 2000.

_____. *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge, 2011.

KIRKSEY, S. Eben; HELMREICH, Stefan. The emergence of multispecies ethnography. *Cultural Anthropology*, v. 25, issue 4, p. 545-576, 2010.

KOHN, Eduardo. *How Forests Think: Toward an Anthropology Beyond The Human*. Berkeley: University of California Press, 2013.

LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LEACH, Edmund. "Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal". In: R. DaMatta (org.), *Edmund Leach: Antropologia*. São Paulo: Ática, 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Totemismo Hoje*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

_____. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975. 1949.

_____. *O Cru e o Cozido* (Mitológicas v.1). Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

_____. *O Pensamento Selvagem*. Rio de Janeiro, 8ª ed: Papirus: 2005.

LIMA, Tania Stolzen. "O que é um corpo?". *Religião e Sociedade*, 22(1): 09-19, 2002.

MACHADO, Carlos José Saldanha (org.). *Animais na sociedade brasileira: práticas, relações e interdependências*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2013.

MARRAS, Stelio. Virada animal, Virada humana: outro pacto. *Scientiae Studia*, São Paulo, v.12, n.2, p. 215-60, 2014.

MOTTA, Flávia de Mattos. Curió Valente: representações de gênero em competições de pássaros canoros. *Cad. Pagu [online]*. N. 30, pp. 199-229, 2008.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar. 2003 [1978].

SICK, Helmut. *Ornitologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. Cosac Naify, 2014.

VANDER VELDEN, Felipe Ferreira. *Inquietas Companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana*. São Paulo: Alameda, 2012.

_____. Apresentação ao Dossiê. *Animalidades Plurais*. R@u – Revista de Antropologia da UFSCar, 7(1). 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Bataglia. "Perspectivismo e o Multinaturalismo na América Indígena". In: _____. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

VON UEXKÜLL, Jakob. *Dos animais e dos homens. Digressões pelos seus próprios mundos*. Coleções vida e cultura. Lisboa: 1992.

WAGNER, Roy. *A invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WEIL, Kari. *Why Animal Studies Now?*. Columbia University Press, 2012.